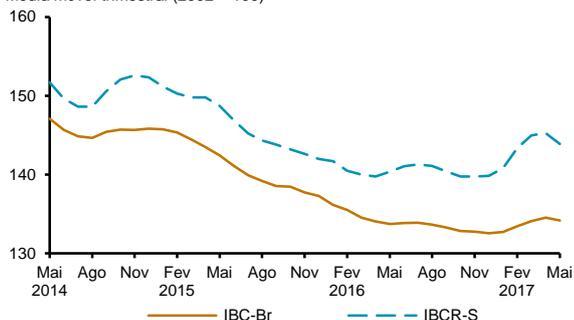


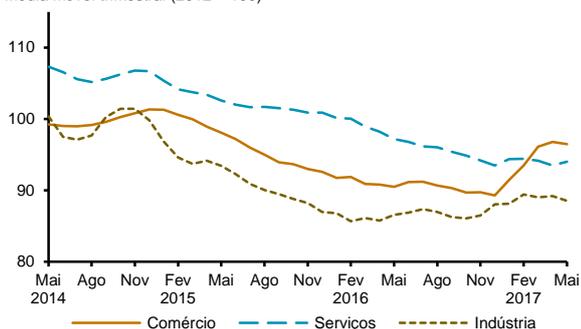
**Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Sul**

Dados dessazonalizados  
Média móvel trimestral (2002 = 100)



**Gráfico 5.2 – Comércio, serviços e indústria – Sul**

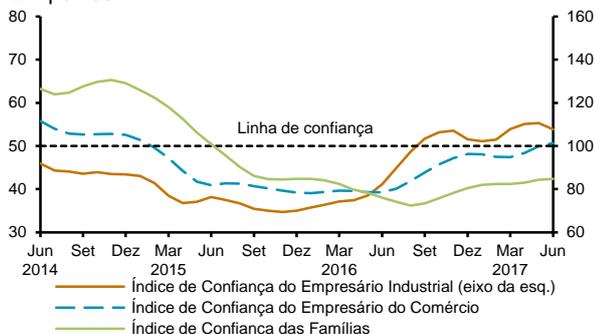
Dados dessazonalizados  
Média móvel trimestral (2012 = 100)



Fonte: IBGE

**Gráfico 5.3 – Confiança dos agentes – Sul**

Em pontos



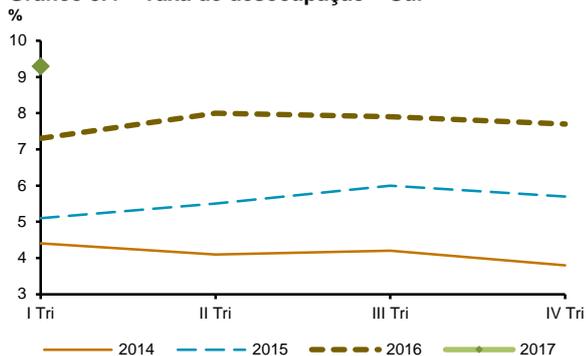
Fontes: CNI e CNC

O conjunto de indicadores econômicos da região apresentou comportamento compatível com o processo de retomada gradual do nível de atividade. O IBCR-S registrou acréscimo de 0,4% no trimestre encerrado em maio, após elevação de 2,6% no findo em fevereiro, segundo dados dessazonalizados. A produção agrícola e o volume de vendas do comércio contribuíram positivamente na margem, repercutindo a apropriação das safras de verão e a percepção mais favorável dos consumidores, decorrente da redução das taxas de juros e da inflação, e da liberação de recursos do FGTS. Não obstante o crescimento do IBCR-S, o volume de estoques acima do planejado e a ociosidade dos fatores de produção condicionaram os resultados da atividade industrial, do mercado de trabalho e da prestação de serviços.

No âmbito da demanda, as vendas do comércio ampliado foram impulsionadas pelas melhores condições de crédito e pela massa de rendimentos, cuja elevação em termos reais refletiu a queda da inflação, avançando 5,3% no trimestre encerrado em maio, após alta de 4,1% no finalizado em fevereiro. Destacaram-se os incrementos nas vendas em hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, e veículos, motos, partes e peças. Esses resultados são corroborados pela melhora nas expectativas dos consumidores – o ICF, elaborado pela CNC, totalizou 84,8 pontos no segundo trimestre. Ainda que se situe em patamar abaixo da neutralidade (100 pontos), o índice avançou 2,5 pontos na margem e 8,7 pontos na comparação interanual, ressaltando que nesses aumentos destaca-se a contribuição do componente relativo às perspectivas de consumo.

A recuperação da confiança dos consumidores e o incremento das vendas do comércio contribuíram também para o aumento na confiança dos empresários do setor – o Icec da CNC atingiu 101,4 pontos no segundo trimestre do ano, ante 94,6 pontos no anterior. Note-se que o indicador ultrapassou os 100 pontos, após se manter em

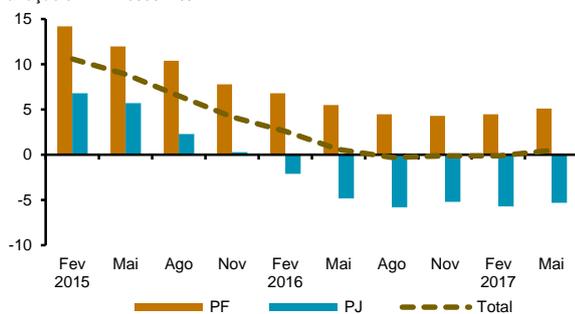
**Gráfico 5.4 – Taxa de desocupação – Sul**



Fonte: IBGE (PNADC)

**Gráfico 5.5 – Evolução do saldo das operações de crédito – Sul<sup>1/</sup>**

Varição em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$ 1 mil.

zona que indica expectativas negativas por nove trimestres consecutivos.

O gradualismo na retomada da atividade na região é reforçado pelo setor de serviços, cujos resultados na margem ainda não evidenciaram reversão da tendência de queda. O volume de serviços recuou 0,4% no trimestre encerrado em maio (0,2% no trimestre anterior), com destaque para a retração na prestação de serviços profissionais, administrativos e complementares. A evolução do setor mostra-se consistente com a ociosidade de recursos observada pelos indicadores do mercado de trabalho.

No mercado de trabalho formal, observou-se moderação no processo de distensão, na margem. De acordo com o Caged/MTb, 3,3 mil vagas formais foram extintas no trimestre encerrado em maio, ante eliminação de 38,2 mil em igual período de 2016. Esse resultado decorreu da diminuição do emprego na agropecuária – com característica sazonal e concentrada no cultivo da maçã –, em parte compensada pela geração de vagas na indústria de transformação. O nível de emprego formal permaneceu em declínio, recuando 0,3% no trimestre até maio, em relação ao finalizado em fevereiro, dados dessazonalizados.

Considerando dados da PNAD Contínua, a taxa de desocupação passou de 7,7% no quarto trimestre de 2016 para 9,3% no primeiro de 2017, resultado do aumento de 1,1% na força de trabalho e da redução de 0,6% na ocupação, sobretudo de empregados no setor público. Apesar da elevação de 1,6 p.p. na taxa de desocupação, o Sul assinalou o menor patamar dentre as regiões, cuja média para o país atingiu 13,7%. Observe-se, adicionalmente, que o incremento de 1,0% no rendimento médio real, decorrente da menor inflação, condicionou a alta de 0,4% na massa salarial real.

O mercado de crédito também contribuiu para o incremento recente na atividade do comércio. O estoque de empréstimos, R\$550,2 bilhões<sup>9</sup> em maio, mostrou recuperação nos últimos meses, com altas de 0,2% no trimestre e de 0,5% em doze. Esse desempenho decorreu do segmento de pessoas físicas, cujo saldo expandiu 1,4% no trimestre, com destaque para financiamentos

9/ Consideram-se operações acima de R\$ 1 mil.

**Tabela 5.1 – Produção agrícola – Sul**

Itens selecionados

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		
		Produção <sup>2/</sup>		Variação %
		2016	2017	
Grãos	73,1	73 393	86 073	17,3
Soja	45,3	35 371	40 623	14,8
Milho	11,9	21 147	27 778	31,4
Arroz (em casca)	9,3	8 663	9 911	14,4
Trigo	3,6	6 121	5 452	-10,9
Feijão	2,5	802	975	21,6
Outras lavouras				
Fumo	7,8	667	852	27,7
Cana-de-açúcar	3,7	49 898	51 276	2,8
Mandioca	2,7	5 382	4 321	-19,7
Maçã	1,7	1 039	1 253	20,6
Uva	1,5	500	1 028	105,6

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2015.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2017.

**Tabela 5.2 – Produção industrial – Sul**

Geral e setores selecionados

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período		
		2017		
		Fev <sup>2/</sup>	Mai <sup>2/</sup>	12 meses
Indústria geral	100,0	3,4	-1,0	0,2
Produtos alimentícios	19,7	2,6	-3,9	2,1
Veículos, reboques e carrocerias	13,6	9,7	-1,4	6,6
Máquinas e equipamentos	8,8	2,6	0,1	15,8
Deriv. petróleo e biocombustíveis	8,3	-1,2	0,8	-16,6
Outros produtos químicos	5,7	-0,3	-0,2	-1,0
Produtos de metal	5,7	6,1	-1,7	-1,2
Artigos de vestuário e acessórios	3,9	7,8	-3,5	1,7
Máquinas, aparelhos e mat. elétricos	4,0	4,4	-0,6	2,9

Fonte: IBGE

1 /Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

imobiliários e crédito consignado. O estoque da carteira de pessoas jurídicas diminuiu 1,5%, sobressaindo o recuo dos saldos das operações da indústria de alimentos e bebidas e transporte.

No âmbito da oferta, a agricultura apresentou resultados positivos, que tendem a favorecer os desempenhos dos demais setores, seja pelo aumento da demanda em função da elevação da renda agrícola, seja pelo encadeamento no processo produtivo. A safra de grãos no Sul está estimada em 86,1 milhões de toneladas, conforme LSPA de junho do IBGE (35,8% da produção nacional), representando aumento de 17,3% em relação à de 2016, com destaque para os incrementos expressivos nas colheitas de soja, milho, arroz e feijão (Tabela 5.1). Dentre outras lavouras, sobressaiu o aumento da produção de fumo, cultura relevante no produto agrícola regional.

A produção industrial cresceu 0,2% em doze meses até maio, revertendo a tendência que vinha sendo observada desde junho de 2014. Consistente com esse processo de estabilização, a produção vem apresentando flutuações na margem e, nesse contexto, recuou 1,0% no trimestre finalizado em maio, após crescer 3,4% no trimestre até fevereiro, segundo dados consolidados e dessazonalizados da PIM-PF do IBGE.

Os estoques industriais efetivos situaram-se acima dos planejados, de acordo com a Sondagem Industrial da CNI, e o nível de utilização da capacidade instalada<sup>10</sup> situou-se em 74,9% no trimestre até maio, dados dessazonalizados. Apesar desses resultados, as expectativas dos empresários industriais da região permaneceram otimistas no segundo trimestre, tendo o Icei atingido 53,8 pontos no período, mantendo-se estável na margem e elevando-se 12,7 pontos na comparação interanual (o indicador varia de 0 a 100).

O comércio internacional da região apresentou *superavit* de US\$5,8 bilhões no primeiro semestre de 2017, 1,5% superior ao do mesmo período de 2016. Houve incrementos de 12,3% nas exportações (7,9% nos preços e 4,1% em quantidade), destacando-se os embarques de

10/ Calculado a partir de ponderação dos indicadores de cada estado, divulgados pela Fieggs, Fiesc e Fiep, pela participação das indústrias dos estados respectivos na produção do Sul, considerada a Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE para 2010.

**Tabela 5.3 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Sul<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões					
	Dezembro de 2016			Maio de 2017		
	Dívida	Fluxos 12 meses		Dívida <sup>2/</sup>	Fluxos 12 meses	
	Primário	Nominal <sup>3/</sup>		Primário	Nominal <sup>3/</sup>	
PR	16 974	-1 416	357	15 887	-1 644	- 277
RS	76 545	430	7 585	78 578	485	5 658
SC	12 440	- 476	968	11 317	- 305	926
<b>Total (A)</b>	<b>105 960</b>	<b>-1 461</b>	<b>8 910</b>	<b>105 781</b>	<b>-1 465</b>	<b>6 307</b>
<b>Brasil<sup>4/</sup> (B)</b>	<b>766 579</b>	<b>-1 791</b>	<b>75 866</b>	<b>754 628</b>	<b>-10 191</b>	<b>54 574</b>
<b>(A/B) (%)</b>	<b>13,8</b>	<b>81,6</b>	<b>11,7</b>	<b>14,0</b>	<b>14,4</b>	<b>11,6</b>

1/ Por UF, totalizando gov. estadual, capital e principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Refere-se à soma de todas as regiões.

automóveis, carne de frango, soja e carne suína. As importações aumentaram 16,9% no mesmo período (12,6% no *quantum* e 3,8% em preços), com ênfase nas aquisições de óleos combustíveis, naftas e automóveis. Destaque-se o expressivo aumento nas vendas de automóveis, tanto em valor quanto em volume, em especial para a Argentina, Estados Unidos da América (EUA), Colômbia, México e Chile.

Na esfera fiscal, as contas consolidadas dos entes públicos apresentaram *deficit* nominal de R\$6,3 bilhões em doze meses até maio, 29,2% inferior ao de 2016. Essa evolução repercutiu, em especial, a menor apropriação de juros, que passou de R\$10,4 bilhões para R\$7,8 bilhões, em função da alteração no cálculo dos encargos da dívida contraída com a União. O resultado primário atingiu *superavit* de R\$1,5 bilhão, favorecido pela arrecadação de ICMS e pelas transferências da União, que totalizaram, respectivamente, R\$77,2 bilhões e R\$24,8 bilhões em doze meses até maio.

**Tabela 5.4 – IPCA – Sul**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período			
		2016		2017	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	0,82	0,44	0,84	0,33
Livres	76,4	0,93	0,76	0,63	0,15
Alimentação no domicílio	17,0	0,93	-0,55	-0,22	-1,47
Bens industrializados	25,6	0,49	0,52	-0,06	0,21
Serviços	33,8	1,29	1,63	1,58	0,95
Monitorados	23,6	0,46	-0,59	1,52	0,91
Principais itens					
Alimentação	25,8	0,64	0,13	0,62	-0,73
Habitação	15,3	0,17	-1,30	1,47	0,51
Artigos de residência	4,3	0,04	-0,24	-0,06	-0,64
Vestuário	6,5	0,23	1,24	-1,25	1,99
Transportes	18,3	1,63	1,03	-0,66	-0,20
Saúde	11,8	0,80	1,23	2,39	2,25
Despesas pessoais	10,3	1,22	1,87	1,25	0,52
Educação	4,2	2,25	0,15	5,98	0,50
Comunicação	3,5	0,21	0,14	0,58	1,17

Fonte: IBGE

1/ Referentes a junho de 2017.

Em relação à inflação, o IPCA<sup>11</sup> na região apresentou evolução benigna, desacelerando de 0,84% para 0,33% na passagem do primeiro para o segundo trimestre de 2017. Esse comportamento refletiu o arrefecimento tanto dos preços livres, como nos monitorados. No primeiro segmento, destaque-se a deflação em alimentação e artigos de residência e, no segundo, as reduções nos custos de gasolina e energia elétrica.

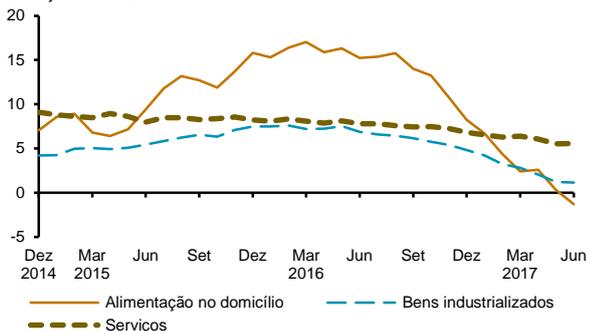
O índice de difusão, apontando menor disseminação nos reajustes de preço, atingiu 48,9% no período, ante 53,3% no trimestre anterior e 57,6% no segundo trimestre de 2016. A evolução em doze meses do índice de difusão e dos preços livres – especificamente os de alimentação no domicílio, cujo IPCA até junho acumulou variação de -1,32% – evidencia a robustez do processo de desinflação na região. Corroborando ainda essa percepção, a trajetória do IPCA a partir de agosto de 2016, tendo em vista que, comparativamente a seu padrão sazonal, o índice atingiu variação inferior à mediana histórica compatível com o intervalo<sup>12</sup> da meta fixada para 2017.

11/ Calculado com base nos pesos e variações dos subitens que compõem o IPCA das regiões metropolitanas de Porto Alegre e de Curitiba, ponderados pelos pesos destas regiões na composição do IPCA nacional.

12/ Padrão sazonal obtido a partir das medianas mensais para o período de 2007 a 2015, ajustadas para que o acumulado no ano se situe no intervalo da meta para 2017.

**Gráfico 5.6 – Evolução dos preços livres – Sul**

Variação % em 12 meses



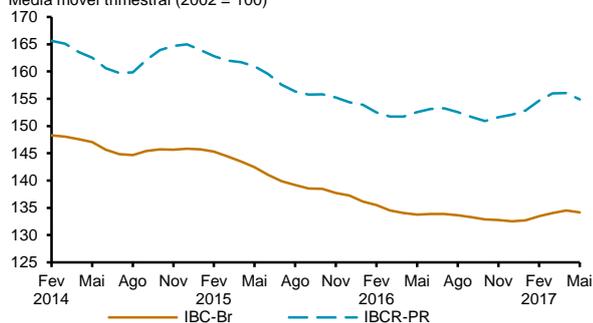
Fonte: IBGE e BCB

Em suma, a economia da região apresenta sinais consistentes com o processo de estabilização e retomada gradual da atividade. Prospectivamente, mantém-se perspectiva de recuperação, beneficiada pelo comportamento favorável da inflação e das taxas de juros, além da contribuição positiva do setor externo. Destaque-se, no âmbito da oferta, a inexistência de restrições relativa à capacidade produtiva, seja no parque instalado na indústria, seja mercado de trabalho para a recuperação do nível de produção. Especificamente para a agricultura, importa ressaltar que as principais culturas são agregadas ao produto agrícola no primeiro semestre do ano, o que deverá mitigar o impacto do crescimento setorial no segundo semestre.

## 5.1 – Paraná

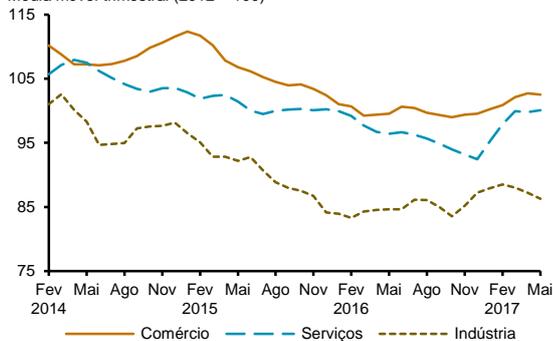
**Gráfico 5.1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Paraná**

Dados dessazonalizados  
Média móvel trimestral (2002 = 100)



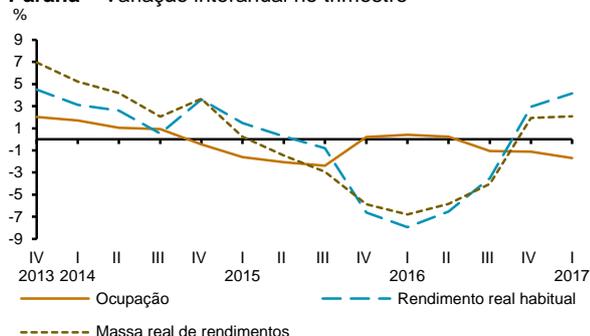
**Gráfico 5.1.2 – Comércio, serviços e indústria – PR**

Dados dessazonalizados  
Média móvel trimestral (2012 = 100)



Fonte: IBGE

**Gráfico 5.1.3 – Ocupação, rendimento e massa na Paraná – Variação interanual no trimestre**



Fonte: IBGE (PNAD Contínua)

O PIB estadual cresceu 2,5% no primeiro trimestre de 2017, em relação a igual período do ano anterior, segundo estimativa do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes), repercutindo expansões no valor adicionado da agropecuária (14,6%) e da indústria (3,1%) e recuo no de serviços (-0,9%).

Dados mais avançados do IBCR-PR sinalizam continuidade da expansão. O indicador de atividade regional aumentou 0,2% no trimestre finalizado em maio, em relação ao encerrado em fevereiro, quando crescera 2,0%, de acordo com os dados dessazonalizados. Contribuíram para esse desempenho, a apropriação dos efeitos do crescimento da safra agrícola neste ano e a continuidade dos aumentos nas vendas varejistas e na atividade de serviços, fatores que compensaram o arrefecimento, na margem, da produção industrial.

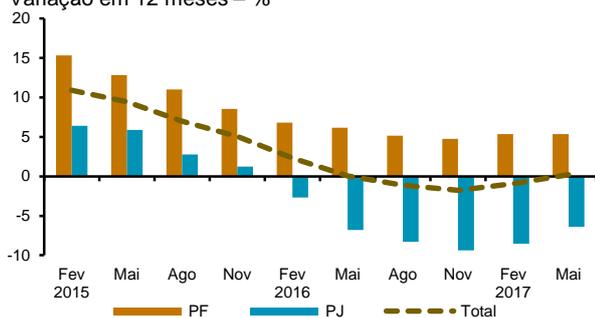
Os indicadores de demanda seguem em recuperação gradual. O volume de vendas do comércio ampliado cresceu 1,5% no trimestre até maio, comparativamente ao finalizado em fevereiro, quando expandira 2,0%, dados dessazonalizados da PMC, destacando-se o incremento nas vendas de combustíveis e material de construção.

No mesmo sentido, o volume de serviços cresceu 2,2% no trimestre em análise, após expansão de 5,1% naquele finalizado em fevereiro, na série dessazonalizada da PMS, refletindo, especialmente, as atividades serviços de transporte, 11,3%, impactada pelo escoamento da produção agrícola, e serviços profissionais, administrativos e complementares, 5,2%.

Apesar da evolução favorável nas vendas e no setor de serviços, informações disponíveis até junho mostram recuo na confiança dos consumidores – essa diferença na evolução de indicadores é uma evidência do ritmo gradual do processo de recuperação na atividade. O ICF em Curitiba alcançou média de 93,4 pontos no segundo trimestre, ante 95,1 no imediatamente anterior. De acordo com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), o percentual de famílias endividadas voltou a subir, atingindo

**Gráfico 5.1.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Paraná<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

**Tabela 5.1.1 – Produção agrícola – Paraná**

Itens selecionados

Discriminação	Peso <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		
		Produção <sup>2/</sup> 2016	2017	Varição % 2017/2016
Grãos <sup>3/</sup>	76,2	35 386	42 637	20,5
Soja	49,1	17 025	19 618	15,2
Milho	16,5	13 887	18 631	34,2
Trigo	5,8	3 357	3 069	-8,6
Feijão	4,1	590	725	22,7
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	7,7	48 761	50 161	2,9
Fumo	3,4	147	183	24,5
Batata-inglesa	2,7	775	927	19,5
Mandioca	2,5	3 888	2 807	-27,8

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2015

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2017.

3/ Cereais, leguminosas e oleaginosas.

**Tabela 5.1.2 – Produção industrial – Paraná**

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período		
		2017		
		Fev <sup>2/</sup>	Mai <sup>2/</sup>	12 meses
Indústria geral	100,0	3,9	-2,5	0,3
Produtos alimentícios	22,7	1,5	-7,6	3,4
Deriv. petróleo e biocomb.	19,1	3,3	-0,3	-16,9
Veículos, reb. e carrocerias	18,4	15,9	0,1	9,1
Máquinas e equipamentos	6,7	-0,2	10,8	45,3
Celulose e prod. papel	5,5	-1,5	0,8	-1,3
Outros produtos químicos	4,7	-2,2	-6,4	-4,9

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres, encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

média de 87,5%, ante 86,3%, respectivamente, nas mesmas bases de análise.

Indicadores do mercado de trabalho sinalizam, na margem, o esgotamento do processo de distensão observado ao longo dos dois últimos anos. No mercado formal foram criados 10,2 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em maio, ante a eliminação de 8,4 mil em igual período de 2016, de acordo com dados do Caged/MTb.

A comparação interanual ainda repercute o processo de distensão. Conforme dados da PNAD Contínua, a taxa de desocupação atingiu 10,3% no primeiro trimestre de 2017 (8,1% em igual período do ano anterior). Na mesma base de comparação, o rendimento médio habitual real aumentou 4,2% e a massa salarial real 2,1%, reflexo da diminuição da inflação no período.

O mercado de crédito segue condicionado à recuperação das finanças das famílias e das empresas. Nesse contexto, o saldo das operações superiores a R\$1 mil realizadas no Paraná recuou 0,9% no trimestre, influenciado pela diminuição nas contratações com pessoas jurídicas, -1,9%, especialmente nas modalidades capital de giro e financiamento com recursos do BNDES. A carteira de pessoas físicas expandiu 0,9%, impactada pelos financiamentos imobiliários e crédito consignado.

Entre os indicadores de oferta, destaca-se a produção de grãos que deverá expandir 20,5% em 2017, de acordo com o LSPA de junho do IBGE, ressaltando-se aumentos expressivos nas colheitas de soja, milho e feijão. O VBP tende a permanecer estável em termos reais, comparativamente a 2016, com a redução dos preços dos produtos agrícolas compensando o aumento na quantidade produzida, conforme estimativa do Mapa, realizada em junho.

A atividade fabril, porém, segue mostrando oscilações. A produção industrial contraiu 2,5% no trimestre encerrado em maio, ante a expansão de 3,9% no finalizado em fevereiro, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF. Na margem, houve queda na produção em sete das treze atividades pesquisadas, destacando-se as reduções em produtos alimentícios (7,6%) e outros produtos químicos (6,4%). O Índice de Confiança da Indústria de Transformação (ICIT) no Paraná registrou 52,1 pontos em junho (55,2 em março). A permanência do indicador próximo ao nível de indiferença (50

**Tabela 5.1.3 – Comércio exterior – Paraná**  
Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2016	2017	Var. %	Var. %
Exportações	7 866	9 058	15,2	24,4
Básicos	4 340	4 612	6,3	39,0
Manufaturados	2 798	3 347	19,6	11,6
Importações	5 087	5 559	9,3	12,0
Bens de capital	727	667	-8,3	-20,0
Bens Intermediários	3 373	3 366	-0,2	20,0
Bens de consumo	572	619	8,2	2,6
Combustíveis e lubrificantes	417	907	117,5	24,8
Saldo Comercial	2779	3499	25,9	18,9

Fonte: MDIC/Secex

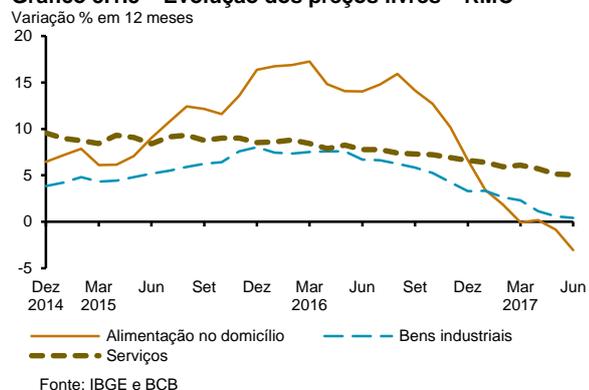
**Tabela 5.1.4 – IPCA – RMC**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período			
		2016		2017	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	0,48	0,28	1,02	0,24
Livres	76,6	0,95	0,39	0,43	-0,04
Alimentação no domicílio	15,4	1,18	-1,56	-1,47	-1,22
Bens industriais	26,7	0,49	-0,19	0,63	-0,52
Serviços	34,5	1,20	1,78	1,14	0,85
Monitorados	23,4	-1,06	-0,09	3,05	1,18

Fonte: IBGE

1/ Referentes a junho de 2017.

**Gráfico 5.1.5 – Evolução dos preços livres – RMC**



pontos) mostra-se consistente com o processo de estabilização da atividade observada no setor, após tendência de queda observada em anos anteriores.

O comércio exterior paranaense tem sido determinante para fomentar a retomada gradual da atividade econômica, haja vista o aumento de 25,9% do saldo da balança comercial no primeiro semestre de 2017 em relação ao verificado no mesmo período do ano anterior. As exportações expandiram 15,5%, alcançando US\$ 9,1 bilhões, a maior marca histórica para o período, com destaques para os aumentos nas vendas de soja (13,3%) e carne de frango (10,4%). Nessa base de comparação, as importações avançaram 9,3%, com ênfase para as aquisições de óleo diesel dos EUA. Os principais parceiros comerciais do Paraná foram China, EUA e Argentina, ressaltando-se o crescimento nas vendas de soja para a China (24%) e de automóveis para a Argentina (93%).

A variação nos preços na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), em linha com o comportamento em nível nacional, desacelerou na passagem do primeiro para o segundo trimestre, refletindo o arrefecimento nos preços monitorados e de serviços e quedas nos custos da alimentação no domicílio e nos preços de bens industriais. Dentre os monitorados, o impacto conjunto da diminuição nos preços de gasolina (-4,85%) e de energia elétrica (-0,88%) compensou, parcialmente, o efeito da alta de 12,47% na taxa de água. O índice de difusão situou-se em 46,2% no trimestre, ante 55,4% em igual período de 2016. A variação acumulada em doze meses no IPCA-RMC recuou de 3,31% em março para 2,04% em junho.

## 5.2 – Rio Grande do Sul

**Tabela 5.2.1 – PIB e VAB – I trimestre de 2017**

Discriminação	Trimestral <sup>1/</sup>	Interanual <sup>2/</sup>	Variação %
			Acum. em 4 trimestres
<b>PIB</b>	<b>0,6</b>	<b>0,0</b>	<b>-2,0</b>
VAB	0,8	0,2	-1,5
Agropecuária	4,7	3,5	-1,0
Indústria	1,0	-1,0	-2,6
Serviços	0,7	-0,1	-1,3
Impostos	1,4	-1,7	-4,9

Fonte: FEE

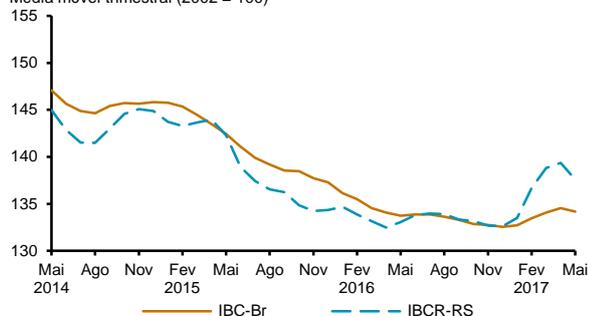
1/ Taxa trimestre contra anterior, dados dessazonalizados.

2/ Taxa trimestre contra mesmo trimestre do ano anterior.

**Gráfico 5.2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Rio Grande do Sul**

Dados dessazonalizados

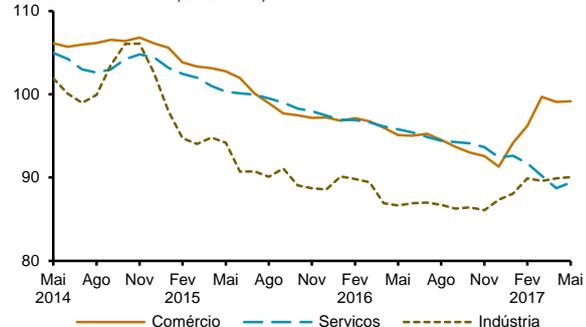
Média móvel trimestral (2002 = 100)



**Gráfico 5.2.2 – Comércio, serviços e indústria – RS**

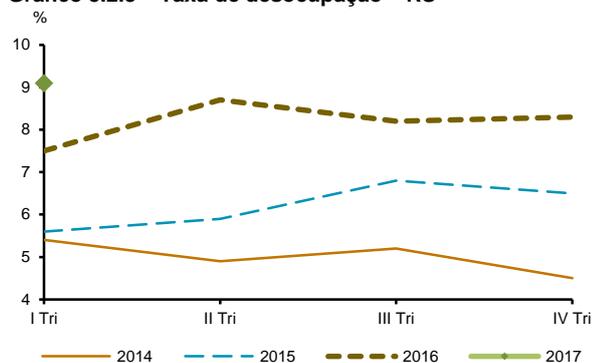
Dados dessazonalizados

Média móvel trimestral (2012 = 100)



Fonte: IBGE

**Gráfico 5.2.3 – Taxa de desocupação – RS**



Fonte: IBGE (PNAD Contínua)

O PIB do estado cresceu 0,6% no primeiro trimestre deste ano, em relação ao último de 2016, segundo a Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser (FEE), repercutindo, em especial, o avanço de 4,7% na agropecuária, dados dessazonalizados. Na comparação interanual, houve estabilização no produto gaúcho, após onze trimestres de recuo. Dados mais recentes confirmam a retomada moderada da atividade econômica na margem. O IBCR-RS cresceu 0,7% no trimestre finalizado em maio, em relação ao encerrado em fevereiro, quando crescera 3,0%, segundo dados dessazonalizados.

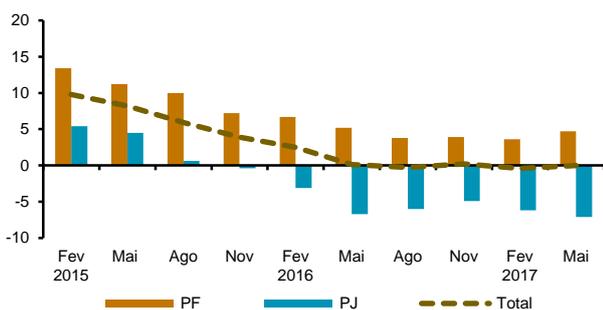
Os indicadores de demanda ainda mostram sinais mistos e flutuações expressivas na margem, em linha com o processo gradual de dinamização da economia. As vendas do comércio ampliado seguem em elevação, com alta de 5,6% no trimestre encerrado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, quando cresceram 9,2%, neste tipo de comparação, impulsionadas principalmente pelo comércio de veículos. Por outro lado, o volume de serviços manteve tendência de queda e diminuiu 2,5% no trimestre finalizado em maio, após contrair 2,1% no trimestre anterior, segundo dados da PMS do IBGE.

A redução da inflação e das taxas de juros delineiam perspectivas favoráveis sobre essas variáveis nos próximos meses. Tais expectativas, somadas ao resultado das vendas do comércio, trouxeram otimismo aos empresários do setor. No trimestre findo em junho, o Icec, divulgado pela Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul (Fecomércio-RS), somou 100,2 pontos (100 pontos indicam neutralidade), após nove trimestres de avaliações pessimistas. Na margem, essa melhora resultou da avaliação das condições atuais da economia.

O mercado de trabalho do estado manteve arrefecimento no ritmo das demissões, eliminando 10,2 mil empregos formais no trimestre encerrado em maio (-18,4 mil vagas em igual trimestre de 2016), de acordo com o Caged/MTb. As demissões no período refletem fatores sazonais na agropecuária e nas indústrias da borracha, fumo e couro. A taxa de desocupação atingiu 9,1% no trimestre encerrado em março, ante 8,3% no

**Gráfico 5.2.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Rio Grande do Sul<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

**Tabela 5.2.2 – Produção industrial – Rio Grande do Sul**

Geral e atividades selecionadas

Setores	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período		
		2017		
		Fev <sup>2/</sup>	Mai <sup>2/</sup>	12 meses
Indústria geral	100,0	4,5	0,2	-0,6
Produtos alimentícios	16,4	2,0	-2,4	-1,8
Veículos, reboques e carrocerias	13,8	0,3	6,1	4,9
Máquinas e equipamentos	12,0	-1,5	-1,3	5,9
Outros produtos químicos	10,3	-1,2	-0,3	0,6
Artef. couro e calçados	8,9	3,4	-2,2	-0,2
Produtos de metal	8,5	6,2	0,1	2,2
Produtos de borracha e plástico	5,0	11,5	-2,8	-2,7

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Tabela 5.2.3 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul**

Itens selecionados

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		
		Produção <sup>2/</sup>		Variação %
		2016	2017	
Grãos	75,7	31 911	36 419	14,1
Soja	47,2	16 206	18 575	14,6
Arroz	18,5	7 493	8 613	14,9
Milho	6,6	4 730	6 039	27,7
Trigo	2,1	2 542	2 193	-13,7
Feijão	0,7	88	114	29,5
Outras lavouras				
Fumo	8,9	325	417	28,3
Mandioca	3,3	1 108	1 070	-3,4
Uva	2,4	414	910	119,8
Maçã	1,7	485	585	20,6

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2015.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2017.

anterior, de acordo com a PNAD Contínua do IBGE, com crescimento da força de trabalho e recuo na ocupação, sobretudo de empregados domésticos. A elevação do rendimento médio, em função da redução da inflação, levou ao aumento da massa real de salários, na margem.

Os riscos impostos pelo processo de distensão no mercado de trabalho ajudam a explicar o baixo nível da intenção de consumo dos gaúchos. O ICF, divulgado pela Fecomércio-RS, totalizou 70 pontos no segundo trimestre. Não obstante a avaliação pessimista (100 pontos indicam neutralidade), houve melhora nas expectativas relativamente aos trimestres anteriores, apontando lenta recuperação do indicador.

O mercado de crédito apresentou crescimento modesto na margem, influenciado pelo segmento de pessoas físicas. As operações de crédito superiores a R\$1 mil aumentaram 0,1% no trimestre finalizado em maio e mantiveram-se estáveis na avaliação de doze meses. No trimestre, houve incremento de 2,0% na carteira de pessoas físicas, com destaque para os financiamentos rurais e crédito consignado, enquanto a de pessoas jurídicas recuou 3,1%, repercutindo, em especial, a queda nas operações com empresas do comércio de alimentos.

No âmbito da oferta, a produção industrial evidenciou menor dinamismo, expandindo 0,2% no trimestre finalizado em maio, em relação ao findo em fevereiro, quando crescera 4,5%, conforme a PIM-PF Regional do IBGE. Essa evolução refletiu a desaceleração em várias atividades, de modo mais intenso nos segmentos de produtos alimentícios, calçados e borracha e plástico.

O Nuci segue abaixo do usual, tendo atingido 79,0% no trimestre até maio, ante média de 80,4% nos últimos cinco anos, dados dessazonalizados. Não obstante a ociosidade do setor, os empresários mantiveram avaliação otimista - o Icei atingiu 55,0 pontos no trimestre de abril a junho, ante 55,1 pontos e 42,6 pontos no trimestre anterior e em igual período de 2016.

A produção agrícola gaúcha, refletindo condições climáticas favoráveis, está estimada em 36,4 milhões de toneladas em 2017 (15,2% da produção nacional), de acordo com o LSPA de junho, elevando-se 14,1% no ano, com destaque para os

**Tabela 5.2.4 – Comércio exterior – RS**

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões		
	Rio Grande do Sul		
	2016	2017	Var. %
Exportações	7 699	8 299	7,8
Básicos	4 082	4 138	1,4
Industrializados	3 617	4 162	15,1
Semimanufaturados	795	742	-6,7
Manufaturados	2 822	3 420	21,2
Importações	3 665	4 397	20,0
Bens de capital	614	636	3,6
Bens intermediários	2 124	2 602	22,5
Bens de consumo	411	674	64,0
Combustíveis	515	486	-5,6
Saldo comercial	4 034	3 902	-3,3

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 5.2.5 – IPCA – RMPA**

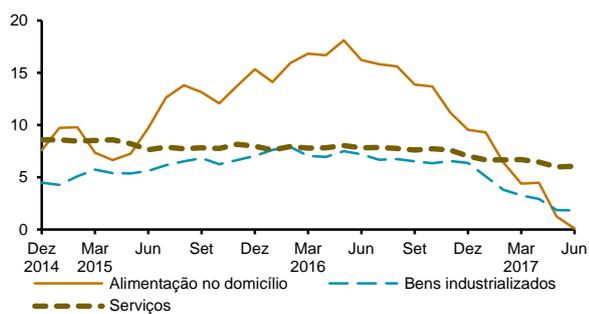
Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período			
		2016		2017	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	1,13	0,58	0,66	0,42
Livres	76,0	0,92	1,11	0,81	0,33
Alimentação no domicílio	18,5	0,74	0,27	0,75	-1,66
Bens industrializados	24,4	0,44	1,25	-0,73	0,87
Serviços	33,1	1,39	1,48	2,01	1,05
Monitorados	24,0	1,82	-1,05	0,19	0,66

Fonte: IBGE

1/ Referentes a junho de 2017.

**Gráfico 5.2.5 – Evolução dos preços livres – RMPA**

Variação % em 12 meses



Fonte: IBGE e BCB

aumentos nas produções de soja, milho e arroz. O efeito sobre os preços internacionais da grande produção global limitou o aumento do VBP real dos principais produtos agrícolas, que poderá reduzir 3,5% em 2017, conforme projeção do Mapa, havendo previsão de queda, em especial, nas rendas relativa às culturas de trigo, feijão e milho.

O *superavit* da balança comercial do estado alcançou US\$ 3,9 bilhões no primeiro semestre de 2017. Houve acréscimos de 7,8% nas exportações (2,4% em volume e 5,3% em preços) e de 20% nas importações (13,0% em volume e 6,1% em preços). Destacaram-se os incrementos nas vendas de soja, carne de frango e automóveis (para a Argentina, Chile e Uruguai) e, em relação às compras internacionais, de naftas e automóveis.

O IPCA da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) variou 0,42% no trimestre encerrado em junho, ante 0,66% até março, resultado da desaceleração nos preços livres – repercutindo a queda nos preços de alimentação no domicílio – e aceleração nos monitorados, com destaque para ônibus urbano. A inflação de serviços e a inflação subjacente arrefeceram na margem. O índice de difusão declinou para 51,6%, ante 52,2% no primeiro trimestre, e 58,2% em igual intervalo de 2016.

Em doze meses, o IPCA da RMPA variou de 2,82% em junho, ante 4,29% em março, destacando o comportamento dos preços livres, especificamente de alimentação no domicílio, cujo IPCA acumulado passou de 4,40% para 0,08%.